

Carlota Ibertis

Universidade Federal da Bahia

Estátuas que ganham vida: sensação e corpo no século XVIII francês

Em *Metamorfoses*, Ovídio recria o mito de Pigmalião, cuja estátua ganha vida pela intervenção de Vênus. O relato explora não apenas a relação entre criatura e criador na peculiar perspectiva do desejo sensual pela própria obra, mas também encerra vários motivos, desde a excelência da arte, o ideal de beleza e de amor até o narcisismo do artista. Muitos séculos depois, no XVIII francês, essa trama ganha inúmeras e variadas versões ora como ópera ou balé, ora como escultura e pintura, ora como obra literária e/ou filosófica, constituindo um motivo de expressão e de reflexão recorrente na época. Dentre todos os textos produzidos, três se destacam por combinarem aspectos literários e filosóficos: *Pygmalion et la statue animée* (1741), de Boureau-Deslandes, *Pygmalion, scène lyrique* (1762), de Rousseau, e *Traité des sensations* (1754), de Condillac. Neles, sem abandonar os outros assuntos, o mito antigo é atualizado centralmente pela questão da animação da matéria e todas as reformulações tecidas sobre o conceito de corpo-máquina cartesiano. O objetivo da comunicação é examinar os textos mencionados pondo em evidência a especificidade da perspectiva sensualista de acordo com a qual o corpo e a sua relação com o prazer são concebidos. O exame salienta a primazia da sensação tátil sobre a visual, tradicionalmente privilegiada pelo pensamento filosófico.
